

EVIDÊNCIA DE PROTEÍNA C REATIVA EM TECIDO CEREBRAL DE ANIMAIS SUBMETIDOS AO MODELO DE AUTISMO POR ÁCIDO VALPRÓICO

Fransklím Abel Pinheiro de Souza¹, Ianny dos Santos Pereira²; Davi Bessa Silva² Maria Patrícia Ivo de Alencar² Prcyla Silva Rocha², Emerson de Oliveira Ferreira³

¹ Discente do Curso de Biomedicina do Centro Universitário Católica de Quixadá; E-mail: fran.pinheiro1046@gmail.com

² Discente do Curso de Biomedicina do Centro Universitário Católica de Quixadá; E-mail: iannysantosinfo@gmail.com

³ Mestre, Docente do Curso de Biomedicina do Centro Universitário Católica de Quixadá; E-mail: emersonferreira@unicatolica.edu.br

RESUMO

O termo autismo assente ao síncrono de mutações e transtornos que lesa o desenvolvimento corriqueiro da criança, transmutando o progresso, ou seja, o amadurecimento do seu sistema nervoso central. O autismo prejudica às predisposições de reconhecimento e de comunicação social da criança, ao passo que ressalta comportamentos repetitivos, e tendencialmente quadros de rotina e solidão. São perceptíveis alguns discretos sintomas do autismo nas crianças a partir dos 18 meses até os 3 anos de idade. Diagnósticos seguros estas idades são realizados com dificuldade, contudo meros signos podem conduzir à algum resquício de autismo em uma criança. Normalmente, crianças aferidas com a patogenia são incapazes de comunicar-se, não demonstra reações de choro ao cair ou machucar-se, entre outros sinais que são analisados no diagnóstico. A proteína C reativa é uma proteína de fase aguda de processos inflamatórios. No tecido neuronal é de extrema importância a sua presença. Objetiva-se nesse trabalho avaliar a presença de PCR em tecido cerebral de animais submetidos ao modelo pré-clínico de autismo. Para isso, camundongos gestantes receberam ácido valpróico (um anticonvulsivante capaz de desenvolver autismo nos filhos de gestantes humanas, quando tratadas no período de gestação) no 13º dia. Após o nascimento, os animais tiveram seus cérebros dissecados e analisados por técnicas de imunologia e bioquímica. Os resultados apresentaram que os animais AUT, apresentaram PCR (+) nos macerados cerebrais, e os animais normais e tratados apresentaram ausência de PCR (-). Esses resultados validam a proteína C reativa como um marcador de inflamação neuronal. Esses achados são importantes e podem contribuir para fins de protocolos referentes a processos inflamatórios cerebrais. Conclui-se que os cérebros dos animais com autismo, tiveram os seus tecidos submetidos à intensa proteólise. Carreando a evidência de PCR nos tecidos. Esses achados corroboram com os achados da literatura e são importantes podendo contribuir para possíveis descobertas quanto à interação do PCR com os tecidos cerebrais.

Palavras-chave: Autismo. Metodologias. PCR.